

5

Comentários

5.1

O Problema do Predicativo do Sujeito

Considerar o predicativo do sujeito um actante (como fazem Brito e Bechara) implica incluir os tradicionalmente chamados verbos de ligação ou copulativos entre os verbos que possuem valência, ou seja, aqueles que funcionam como predicados.

Comumente, esses verbos, do mesmo modo que os auxiliares, não são núcleos do predicado. Isso não implica negar-lhes as características morfológicas da classe. Nas palavras de Moura Neves (2000:25), “A construção de uma **oração** requer, portanto, antes de mais nada, um **predicado**, representado basicamente pela categoria **verbo**, ou, ainda, pela categoria **adjetivo** (construído com um **verbo de ligação**).” Esse segundo tipo é questionado por Bechara, que postula que “toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo” (2005:426). O autor observa, ainda, que o predicativo é comutável com o pronome invariável o.

Brito (1986) inclui o predicativo do sujeito no que denomina espaço B, isto é, o segundo elemento nominal básico ligado ao verbo e previsto no plano potencial. A autora discorda da posição tradicional de considerar os chamados verbos de ligação simples elos gramaticais, alegando que estes verbos apresentam os morfemas de tempo, modo e pessoa e também expressam o aspecto.

Retomando nossa posição inicial, reiteramos que a proposta de Bechara e a de Brito implicam considerar que os verbos de ligação têm valência, o que vem de encontro às posições de Neves e de Busse e Vilela.

O argumento de Brito com respeito às características morfológicas dos chamados verbos de ligação não se sustenta diante do que ocorre com os auxiliares. Vejam-se os exemplos:

(187) A multidão está vendo o jogo.

(188) A multidão viu o jogo.

(189) A multidão parece ver o jogo.

(190) A multidão acabou de ver o jogo.

Nos exemplos (187) e (190), temos o actante 1 (sujeito) – *A multidão* – e o actante 2 (objeto direto) – *o jogo*. Na denominação de Brito, respectivamente, *espaço A* e *espaço B*.

Os dois actantes são complementos de *ver* nas formas *vendo*, *viu* e *ver*. Em (187), (189) e (190), as formas *está*, *parece* e *acabou* apresentam as flexões de tempo, modo e pessoa e concordam com o sujeito, o que não lhes dá o estatuto da responsabilidade pela valência. Em outras palavras, o termo *o jogo* ocupa um espaço previsto pelo verbo *ver*, em (187) na forma de gerúndio e em (189) e (190) na de infinitivo.

Assim, o argumento da flexão do verbo não se sustenta como indicador de que os chamados verbos de ligação possuem valência.

Embora não tenha sido colocado pelos autores cujas posições estão sendo discutidas, não está em questão o esvaziamento semântico de *ser*, *estar* e outros. A prova de que se distinguem semanticamente está no fato de serem intercambiáveis nos enunciados da língua.

Os exemplos que se seguem, (191), (192), (193) e (194), são semanticamente diferentes:

(191) A sala é suja.

(192) A sala está suja.

(193) A sala ficou suja.

(194) A sala parece suja.

Bechara, tratando da ordem do predicativo na frase, observa que é possível comutar o predicativo pelo pronome invariável *o* quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*.

Assim, teríamos, ainda que possa causar algum estranhamento

(191.a) A sala o é.

(192.a) A sala o está.

(193.a) A sala o ficou.

(194.a) A sala o parece.

Esse tipo de comutação pode levar à conclusão equivocada de que o teste coincide com o que pode ser feito com o objeto direto. Vejamos as frases:

(195) A criança viu o(s) brinquedo(s).

(195.a) A criança o(s) viu.

(196) A criança escolheu a(s) fruta(s).

(196.a) A criança a(s) escolheu.

Em que diferem os resultados da comutação nos exemplos de (191) a (194) e nos exemplos (195) e (196)?

Aparentemente seria a invariabilidade do *o* no primeiro agrupamento. A isso poderíamos acrescentar que, no caso do *o* invariável, estaríamos diante de um pronome demonstrativo neutralizado e, no segundo agrupamento, de um pronome pessoal do caso oblíquo que guarda as características de gênero e número do nome substituído.

Não é esse, entretanto, o ponto crucial da diferença sintática entre os termos em questão.

Re-escrevendo (191.a) e a comutação proposta para (195), tem-se

(191.a) A sala é suja. → A sala o é.

(195.a) A criança viu o(s) brinquedo(s). → A criança o(s) viu.

Em (195.a), o(s) é um argumento interno do verbo. Já em (191.a), o pronome invariável o, do mesmo modo que o termo comutado – suja – diz respeito a uma característica do sujeito, isto é, do argumento externo do verbo.

Pode-se concluir que os dois termos são sintaticamente diferentes e que, no caso de (191.a), não pode ser considerado um argumento do verbo.

5.2

A tipologia de actantes de Busse e Vilela

Talvez possa parecer demasiadamente detalhista a proposta de dez tipos de actantes da Gramática de Valências de Busse e Vilela.

Inicialmente, nota-se que há pontos comuns nas características dos tipos propostos. O principal é o fato de ser argumento, portanto estar preenchendo um lugar vazio previsto pelo verbo. Não nos estenderemos em comentários sobre A₁, o sujeito da gramática tradicional. O sujeito é argumento externo e os argumentos à direita do verbo são complementos verbais introduzidos ou não por preposição.

As classificações *objeto direto*, *objeto indireto*, *complemento relativo* têm a vantagem de ser generalizadoras, mas a desvantagem de englobar num mesmo rótulo termos com características bem diferenciadas, ainda que preenchendo espaços previstos pelos mesmos verbos.

Sirvam de exemplo os complementos de verbos de medida, duração e preço.

(197) João mediu a folha de papel com a régua.

(197.a) A folha de papel mede trinta centímetros.

(198) O funcionário pesou as caixas.

(198.a) As caixas pesam três quilos cada.

(199) Ele corre dez quilômetros diariamente.

(200) A passagem custou quinhentos reais.

Como vimos na revisão da literatura, Rocha Lima inclui esse grupo entre os complementos circunstanciais. Bechara, tratando do objeto direto, chama atenção para o fato de os complementos de verbos de peso, medida, tempo e preço não poderem, a não ser excepcionalmente, responder à pergunta “Que? Quem?”. Também, observa que não são frequentes as pronominalizações desses termos.